

# As Aventuras do Rei Dom Bacilokókos



História, Ilustração e Conteúdos

**Helena Ponte**

Revisão

**Professora Doutora Maria do Céu Machado**



**Infarmed**

Autoridade Nacional  
do Medicamento  
e Produtos de Saúde, I.P.

2017

## I Capítulo

### Na Sala de Aula

– Bom dia Sra. Professora! – Disse o Duarte, no reboiço da manhã, enquanto se despiam casacos quentinhos, cachecóis enrolados, e gorros de lã pingados da chuva. Quando as vozes das crianças se misturavam com gestos no ar, gargalhadas soltas e todas as aventuras do dia anterior.



Já sentado, na sala de aula, o Duarte reparou que a cadeira da Madalena continuava vazia e franzindo a testa, preocupado, decidiu perguntar por ela à professora Mestrina. E assim foi.

A Madalena estava doente!



Nessa tarde, quando a mãe chegou para o ir buscar, o Duarte pendurou-se-lhe ao pescoço, e ali ficou colado ao rosto dela, para um pedido especial.

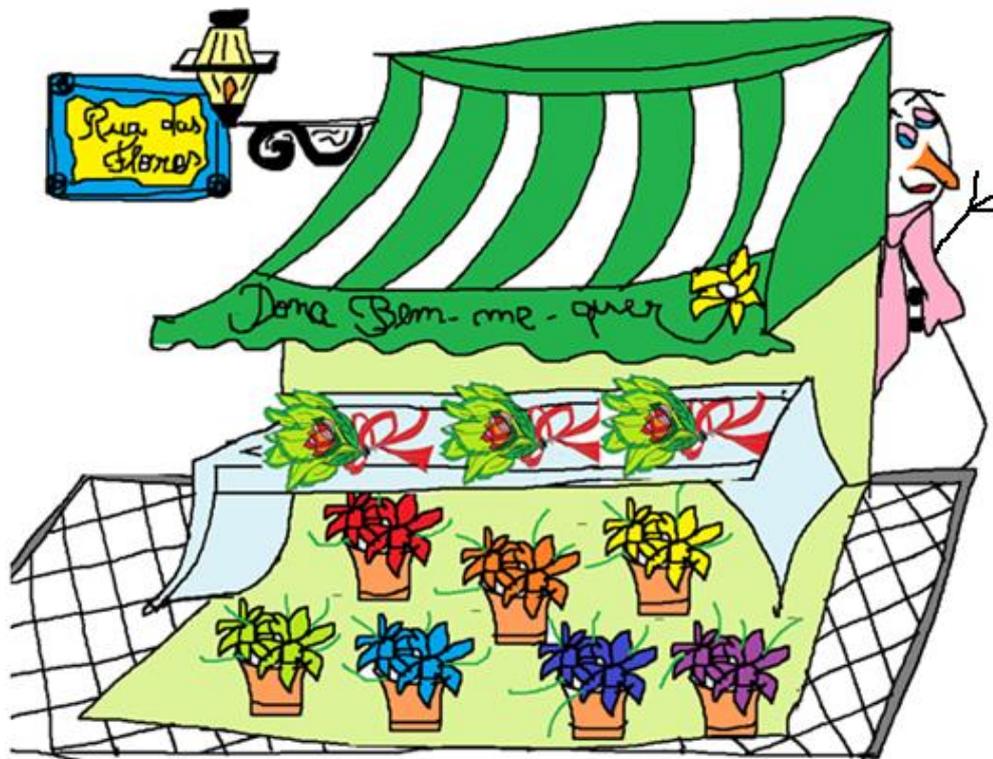
A mãe sorriu, e perguntou-lhe por que estava ele a falar-lhe ao ouvido, quando era tão bonita a ideia de visitar uma amiga doente.



– Nunca te envergonhes de mostrar os teus afetos! Mas antes de visitares a Madalena, temos de saber se podemos lá passar, porque há doenças que são contagiosas. Que facilmente se pegam de uns aos outros – Explicou a mãe, ao ver a careta do Duarte à palavra “contagiosa”. – E se assim for – continuou – terás de adiar esta visita.

– Está bem mamã! – Disse o Duarte, esperançado que não fosse nada assim – E não acha que lhe devia levar um presente? – Melhor

do que a tua visita? – Perguntou a mãe. Mas como o olhar do Duarte descaiu, ela, sem parar de falar, e fingindo que não tinha reparado, continuou – Embora seja uma excelente ideia! Passamos agora na florista ali do fim da rua e escolhes uma flor, que ela vai adorar, tenho a certeza.



E enquanto o Duarte se perdia nas cores vivas e cheirinhos delicados da banca da Dona Bem-Me-Quer, já ela tinha ligado à mãe da Madalena, que lhe disse que a menina tinha tido dores de garganta e uma febre muito aborrecida, mas que já estava quase boa. E o

Duarte, que já tinha escolhido, a flor mais bonita das flores, desatou a correr para o carro, enquanto a mãe pagava.

## Capítulo II

### O Gato da Madalena

– Madalena tens aqui uma visita! – Disse-lhe o pai, com uma voz carinhosa, junto à ombreira da porta do quarto dela, que estava sentada à escrivaninha a fazer exercícios de matemática, para não atrasar os seus estudos.



Quase em cima dos livros e sob um candeeiro metálico curvado, estava o Gatafunho, refastelado, com ar de quem estava a cair de sono. Mas era tudo a fingir! Estava a tomar conta da menina! Era um gato enorme, cor-de-laranja, de cauda ondulante e pelos brancos, muitos compridos, que até lhe saíam das orelhas. Foi oferecido à Madalena no seu primeiro dia de aulas. Feliz com a surpresa, ela apertou-o contra o peito e gritou – Temos de lhe dar um nome para ele ir à comigo escola! – Mas o bichano esbugalhou os olhos enormes, ligeiramente tortos, e de um pulo soltou-se daquele abraço, um bocadinho apertado demais. E foi enfiar-se na mochila da Madalena onde, escondido com o rabo de fora, acabou por despedaçar, de unhas bem afiadas, a caixa nova dos lápis de cera.



E mal saiu do esconderijo, foi deixando atrás de si, um rasto de gatafunhos de mil cores no chão. Estava escolhido o nome para o gato da Madalena. Embora jamais tivesse ido à escola com ela.

### Capítulo III

#### **A visita do Duarte**

Quando o Duarte chegou, todo vivaço – Olá Madalena! – o Gatafunho olhou-o nos olhos, abanou a cauda e resolveu ir dar uma voltinha... não fosse o miúdo ser do género “agarrador”. Daqueles que apertam e fazem tantas festinhas aos gatos, que quase os deixam carecas! – Que exagero! Diríamos nós ao Gatafunho... se ele acreditasse.

– Olá Duarte! Que bom que vieste! – Disse a Madalena muito contente. Ainda não posso sair, porque está muito frio lá fora, e foi por causa disso que fiquei doente.



– Mas já estás melhor, não estás? Perguntou o Duarte – É que a professora Mestrina disse que estarias de volta em breve mas não disse como estavas, pelo que achei melhor vir ver-te.

– Sim, primeiro não foi fácil, mas agora já só vejo a hora de voltar à escola. O meu pediatra disse que eu ia ter de ficar em casa durante pelo menos cinco dias, e de tomar os medicamentos que ele me receitou – Disse a Madalena, muito farta de não sair à rua.

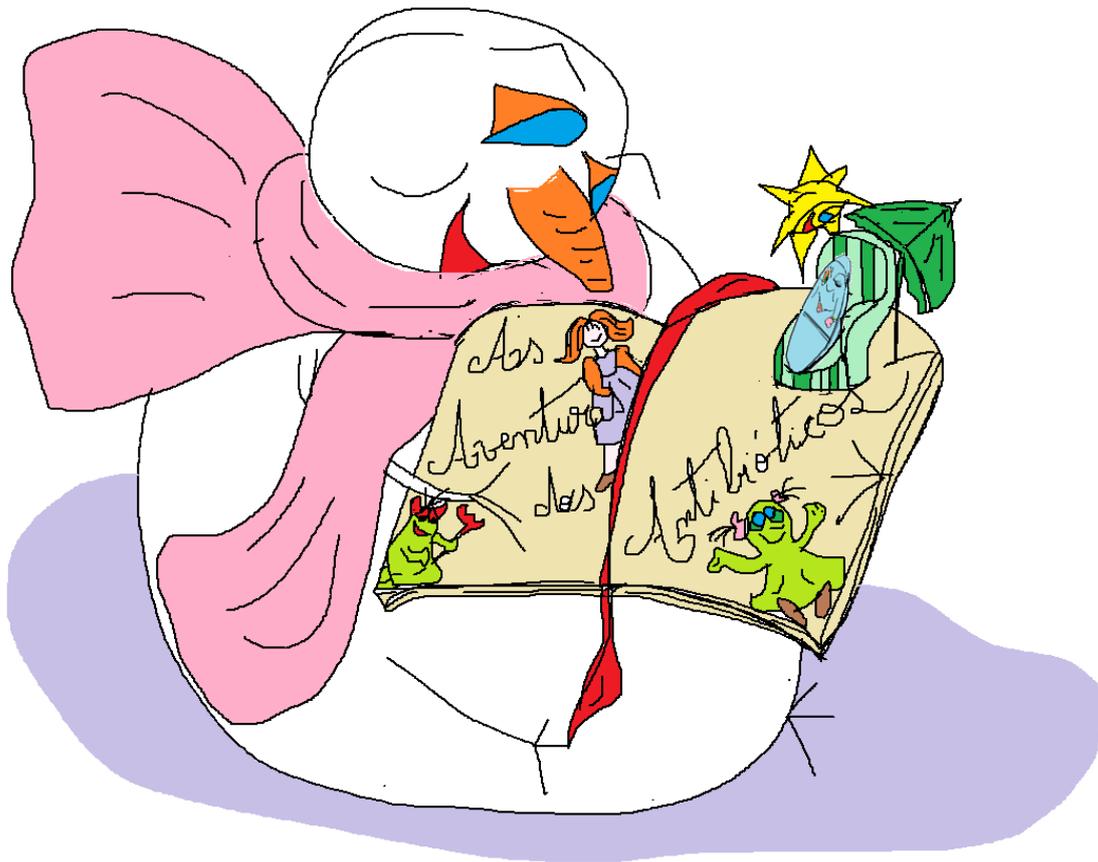
– Bom, mas conta-me tudo! – Pediu o Duarte. Tiveste de tomar algum antibiótico para ficar boa? – Não, claro que não Duarte! Tomei apenas medicamentos para a febre e para a dor da garganta. Porque,

nestes casos, os antibióticos nunca devem ser tomados. Não só porque não é preciso, mas também porque sem me fazer qualquer bem a mim, estaríamos a fazer mal a outras pessoas e até aos animais. – Como assim, Madalena? Não estou a perceber! Pensei que eram poções mágicas para as nossas constipações! – Disse o Duarte, já a pensar em histórias de aventuras... – Nada disso! O que o médico me explicou, é que só as doenças causadas por bactérias más é que se podem curar com antibióticos. Outras doenças, como as gripes e constipações, não.



– Continuo sem entender. – Disse o Duarte – Mas há bactérias boas?!

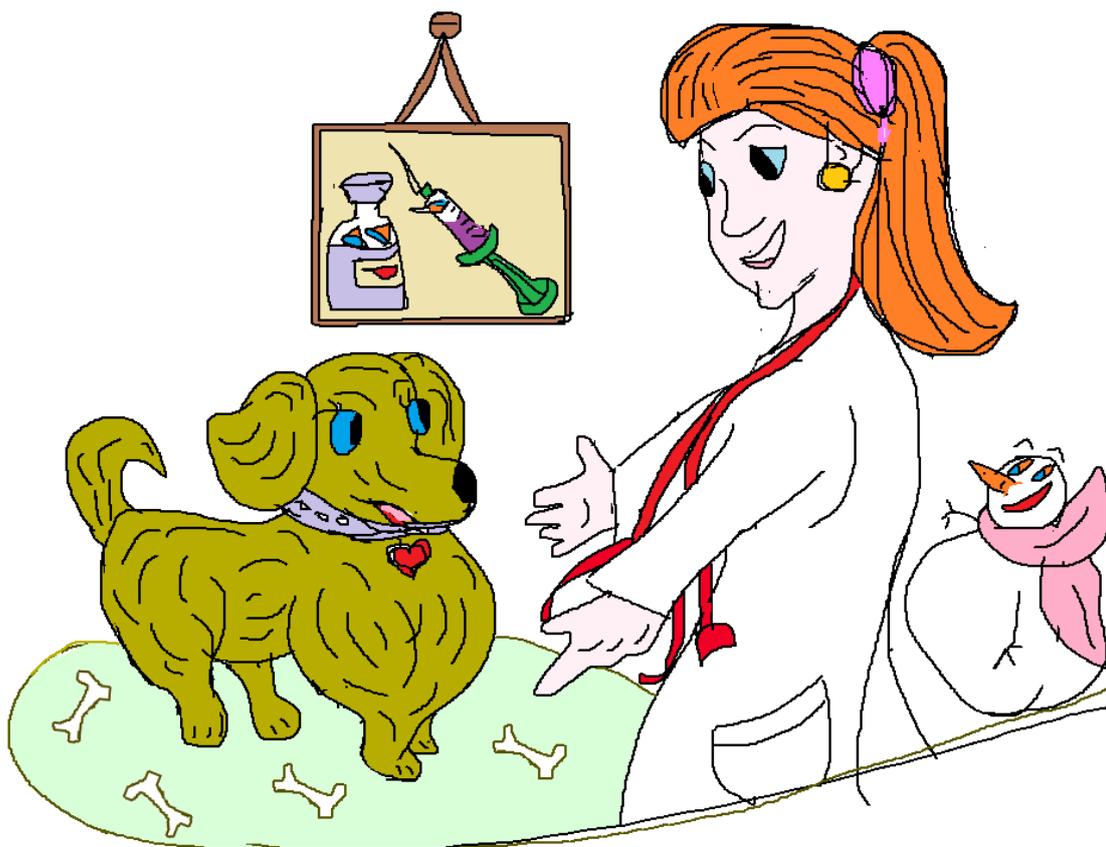
– Parece que sim. Quando a mãe foi à farmácia comprar medicamentos para mim, o Dr. Remédios mandou-me um livrinho, de poucas folhas, sobre bactérias e antibióticos. Diz que é para depois as crianças contarem a história aos adultos! Somos muito importantes! – Refletiu a Madalena, que ainda não tinha pensado nisso, antes. – Sim, tens razão. Somos mesmo! – Disse o Duarte todo inchado, levantando os ombros em sinal dessa importância.



– Dizem que a nossa capacidade de aprender é muito maior do que a dos adultos!

E dito isto, ambas as crianças se escangalharam a rir, convencidas.

– Sabias que os animais também tomam os mesmos antibióticos que nós? – Continuou o Duarte – A minha prima Carlota contou-me que levou a cadela dela à veterinária, por ter deixado de comer, e a Dra. Vétinha disse-lhe a mesma coisa que o teu pediatra. E quando a Carlota lhe perguntou se podia dar à Rabiscos um resto de antibiótico que tinha sobrado lá em casa, ela disse logo, que nem pensar nisso era bom! Que os antibióticos são para ser sempre tomados até ao fim, conforme os médicos ou os médicos-veterinários escrevem nas receitas, e que se sobrarem, são para ser devolvidos nas farmácias.



– Lá está! – Concluiu a Madalena. - Porque os antibióticos que são bons para uma pessoa ou para um animal, podem ser maus para outras pessoas ou animais. Tudo depende das bactérias que eles devem e conseguem atacar. Foi como me explicou o meu pediatra, que ia à procura de alguma bactéria má na minha garganta, e que se a encontrasse, decidia qual o melhor antibiótico para acabar com ela. E com a família dela toda! – Acrescentou, soltando mais uma sonora gargalhada. – E entretanto fiquei boa sem precisar de antibióticos. Desta vez a culpa não foi das bactérias más. Estava apenas muito constipada – disse ela. – Mas então, e se o teu pediatra tivesse encontrado as tais bactérias más? – Insistiu o Duarte já a imaginar bactérias vilãs contra bactérias super-heróis e antibióticos justiceiros – Que te teria acontecido?

– Então, ele disse que voltava para passar a receita do antibiótico, para o podermos comprar na farmácia. Porque não podemos comprar antibióticos sem receita médica ou médico-veterinária, sabias? – O Duarte estava tão curioso que nem respondeu. Mas não! Não sabia. Nem sabia que havia receitas também para os animais.



– E não tiveste medo que o Gatafunho adoecesse também? – Perguntou o Duarte, a olhar de lado para o gato que não parava de lambar os bigodes e a cara, como se tivesse mergulhado de cabeça no prato da ração.

– Claro que tive! Mas ele tem estado sempre bem. Senão, também tinha chamado o veterinário.

– Pois claro! – Disse o Duarte, reparando que o Gatafunho estava agora de vigia do alto da estante, sem retirar os olhos dele. Como um antibiótico à caça de bactérias más... Mas como a Madalena lhe

adivinhou os pensamentos, acalmou o amigo dizendo – Não tenhas medo, ele é muito cusco! E também adora histórias de aventuras.

## Capítulo IV

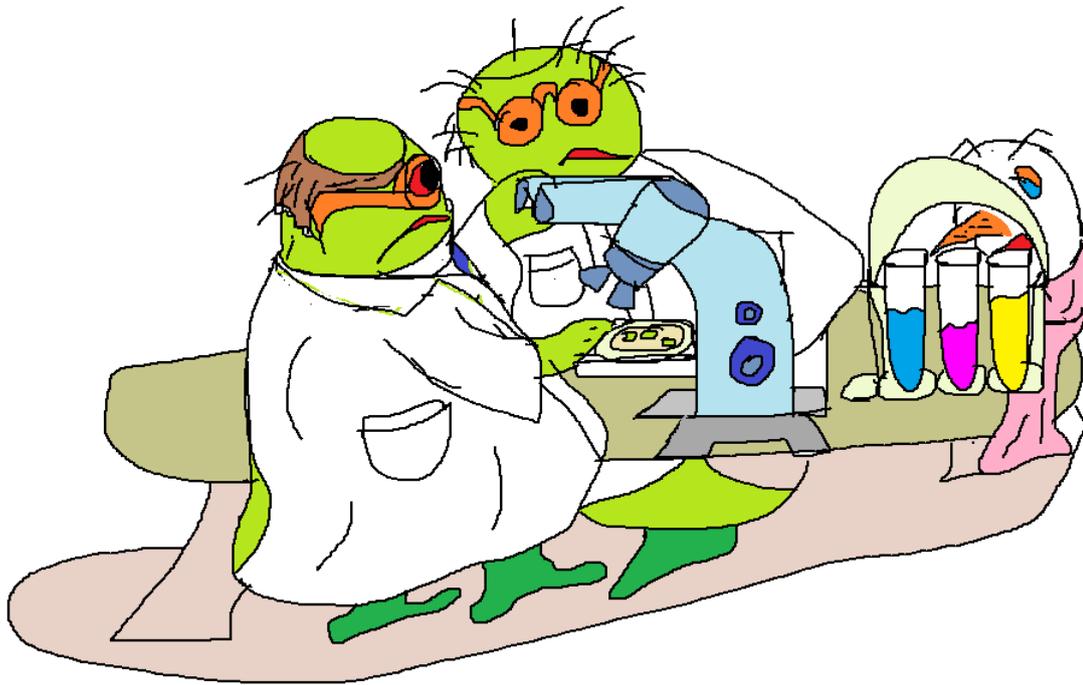
### **Um livro sobre bactérias e antibióticos**

– Deixa cá ver se o tal livro de que te falei é desses! – Disse a Madalena, enquanto o procurava, debaixo de um molho de papéis, cheios de números e figuras geométricas – Encontrei! – Gritou a Madalena, e nesse momento, o Gatafunho pulou lá de cima, todo empertigado, e veio aninhar-se entre as crianças para fazer jus à sua fama.

– Fixe! - Disse o Duarte - E estenderam-se ambos no tapete grande aos pés da cama, de barriga para baixo, pernas a esvoaçar no ar e mãos a amparar as cabeças, debruçadas no livrinho chamado «As Aventuras do Rei Dom BaciloKóKos». Que começava assim:



Há muitos, muitos anos, num Reino chamado Protista, viviam felizes e contentes, milhões e triliões de bactérias, de todas as formas e feitios. E entre elas, o Doutor Bactériacida. Uma brilhante bactéria cientista, que desenvolveu uma fórmula química secreta, a que pôs o nome de Antibiótico, para combater as bactérias inimigas de Sua alteza malvada, o Rei Dom BaciloKóKos.



Milhares de anos passaram e outros seres vivos “gigantes” passaram a habitar também a Terra. Uns, com pernas, asas ou barbatanas, que andavam por todo o lado, e outros, colados ao chão, como guardas sentinelas. Eram as pessoas e os animais do Reino Animália que agitavam a terra, o ar e os mares, e também as árvores e as flores do Reino Planté que davam as cores bonitas ao mundo. E o ar puro!

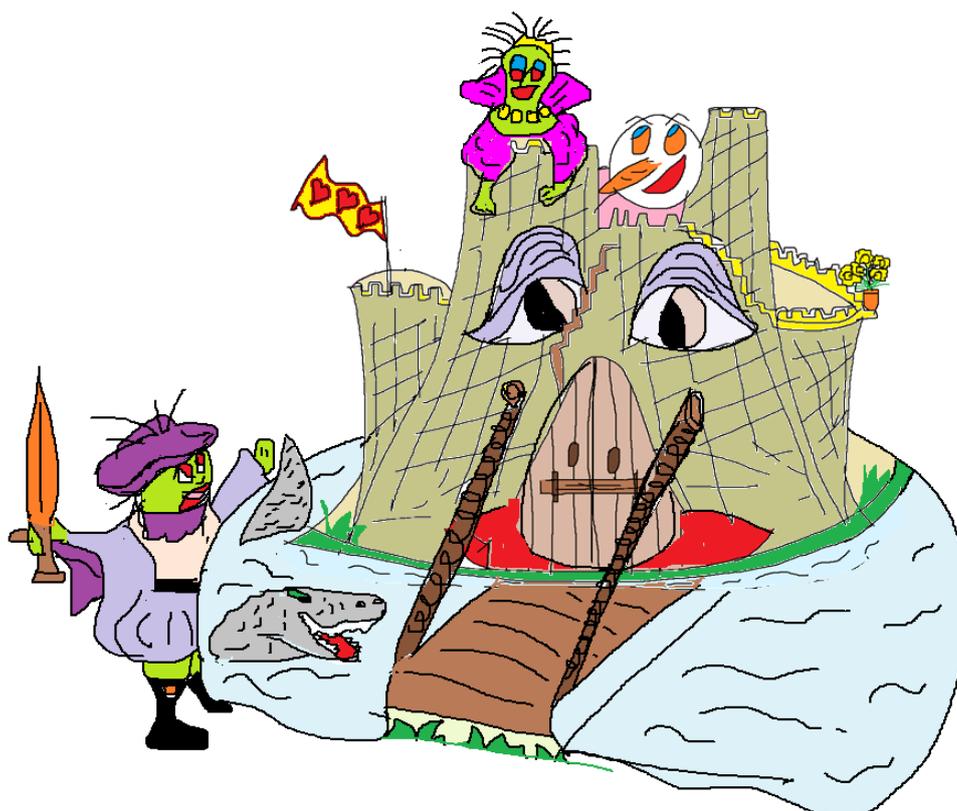


Ora estes “gigantes” do Reino Animália desde logo ficaram na mira das bactérias más do Reino Protista, que queriam dominar sozinhas o planeta. E não tardou muito que planeassem invadi-los.

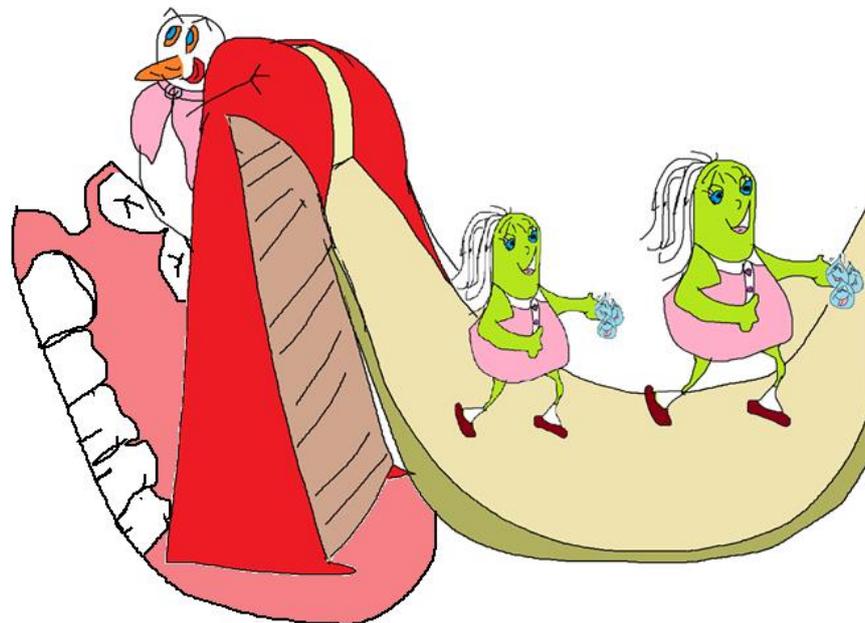
Como as bactérias eram seres tão pequeninos, que os “gigantes” não conseguiam ver, estes seriam assaltados, como se fossem “castelos andantes”, sempre que o portão principal se abrisse. – Referindo-se à boca dos gigantes! - Só tinham era de apanhar boleia de mãos sujas... ou de alimentos... para não escorregarem e caírem no fosso dos crocodilos... antes dos “portões” se voltarem a fechar! E depois

se infiltrarem silenciosamente até aos intestinos dos “gigantes” para aí pintarem a manta, até os deixar doentes. Gigante a gigante!

E um belo dia aconteceu. Vários “castelos” de “gigantes” foram atacados, sem se aperceberem.



Mas com o que as bactérias más não contavam era com uma receção de más-vindas à chegada! Porque nos intestinos dos “gigantes”, há muito viviam, bem aconchegadas, umas famílias de bactérias boas, protegidas dos “gigantes”, a quem ajudavam nalgumas tarefas do seu organismo. Eram, ao contrário das más, bactérias boas e úteis!



Certamente umas traidoras ao seu rei, Dom Bacilokókos! O que já era dúvida suficientemente grande para se atacarem ferozmente.

As bactérias boas eram muitíssimo mais que as más. Mas as más eram muitíssimo mais fortes que as boas! E a batalha foi feia. Como todas as batalhas! As bactérias boas que conseguiram sobreviver ficaram reféns das más. E algumas tornaram-se más também.

E os “gigantes” foram ficando doentes, pouco a pouco, numa pequena aldeia, onde apenas as árvores escaparam ... embora muito assustadas!

Naquele entretanto aconteceu que um velho sábio por ali passou vindo de longe, esfomeado e sem ver viva alma ao seu redor, a quem pedir ajuda.

– Será uma aldeia fantasma? Disparate! Os fantasmas não existem! Devo estar a delirar com a fome. E foi batendo à porta de todas as casas da aldeia sem que ninguém lhe respondesse, até que uma das portas, apenas encostada, se escancarou. E ele entrou, pedindo licença, sem ver ninguém.



– Que estranho! – Murmurava o sábio, ao entrar na sala da lareira sem lume, por cima da qual a sua imensa fome logo viu uns nacos

de pão bolorento a chamar por si. E depois de os devorar e parar de ouvir o seu estomago resmungar, estava agora ali parado, a pensar como agradecer aos donos daquela casa, quando lhe pareceu ouvir um barulho ali ao lado... vindo do quartinho de uma menina com febre. Correu a buscar água para lhe molhar a testa, trazendo também uns nacos do pão bolorento, não fosse a menina ter fome.



E, com muita paciência, foi dando pedacinhos do miolo à criança, que os engolia devagarinho. Mas tão devagarinho, que ambos adormeceram, não se sabe bem por quanto tempo. Porque quando o sábio acordou, estremunhado, tinha, pasmado à sua frente, um casal de olhos esbugalhados, não a olhar para si, que era um estranho, mas para a “sua gigantina”, que sentada na cama, já brincava com uma boneca despenteada! E ria muito, de cada vez que a abanava e a boneca mais despenteada ficava.

Depois de a abraçarem e de ouvirem as explicações do sábio que acabara de descobrir que o bolor do pão curara a “gigantina”, correram a reparti-lo por todos os “gigantes” doentes da aldeia. E em poucos dias, tudo tinha regressado à normalidade. Estavam salvos!

Muitos séculos mais tarde, um senhor chamado Alexander Fleming viria a ser o primeiro cientista a produzir o primeiro antibiótico a partir de bolores, a que chamou Penicilina. Bom! O primeiro, o primeiro não! Na verdade quem primeiro descobriu os antibióticos foi o Doutor Bacteriacida. E logo a seguir foi o sábio da nossa história!

E voltando à nossa história, quem odiou saber da cura dos gigantes daquela aldeia foi o Rei Bacilokókos. E mais furioso ficou quando percebeu que também os “gigantes” tinham descoberto antibióticos

para se defenderem dos seus exércitos. Talvez até em quantidades gigantes... como eles! Era necessário contra-atacar!



Tinha de escolher as bactérias mais fortes e mais maléficas do seu Reino e mandaria prender bactérias boas para as transformar em bactérias mutantes, do pior que já se vira! Mas teria um exército invencível! Oh se teria!

Entretanto na aldeia dos “gigantes”, o medo de voltarem a adoecer era tão grande, que passaram a guardar enormes quantidades de pão bolorento em casa, que comiam muitas vezes. Mesmo sem ser preciso! E sem suspeitar que, de cada vez que o faziam, mais ajudavam o Rei Bacilokókos a levar a cabo o seu terrível plano.

Que acabou por acontecer. Com invasões de mutantes, tão resistentes, que o pão da aldeia, já bem verdinho, foi fraco demais para curar os gigantes doentes. Acertando como flechas murchas nas armaduras das superbactérias, que aos pulos e de língua de fora cantavam: “O que não nos mata torna-nos mais fortes, lálálá! Ahahah!”

Precisavam de um novo antibiótico, que o Rei Bacilokókos não conhecesse ainda! E que usariam desta vez, quando precisassem apenas. E assim foi. Ao fim de algum tempo estavam de novo salvos.

Os anos foram passando e mais alguns antibióticos foram sendo descobertos pelos “gigantes” do Reino Animália, porque as batalhas com o Reino Protista nunca acabaram.

E foi então que alguém gritou: Eureka! ...não pela primeira vez... porque dessa vez foi Arquimedes, ao descobrir por que flutuavam os corpos na água, enquanto tomava uma banhoca quentinha de imersão, mas quando se descobriu que o segredo para vencer as bactérias más está no uso responsável dos poucos antibióticos que temos! Com inteligência!



Para no sítio e hora certa darmos cabo dos Protistas mutantes que querem viver sozinhos na Terra.

É por isso que nos nossos dias os velhos sábios se chamam médicos e médicos-veterinários, que sabem quais os antibióticos que se devem dar às pessoas e aos animais, quando é preciso. E só quando é preciso.



Porque os “gigantes” do Reino Animália e os “guardas sentinelas” do Reino Planté, além de tornarem o mundo mais belo, fazem com que a vida seja mais divertida. Com saúde!

## Capítulo V

### **A Despedida**

– Oh que pena! – Disse a Madalena – A história acaba aqui! – Fez-me lembrar as Aventuras de Astérix, disse o Duarte. – Tu achas?! Respondeu a Madalena – A mim não! Porque os antibióticos deixam

de ser mágicos à medida que são mais usados, ao contrário da poção mágica do Panoramix.

– Ah! Pois é, tens razão! – Reconsiderou o Duarte – A ciência não é magia! – Disse, piscando o olho à Madalena.

– Também me lembrou um bocadinho as Aventuras do Gulliver... – disse a Madalena sem grande convicção – Mas aí o gigante acabou por ficar amigo dos anões, o que jamais acontecerá entre as pessoas e as bactérias más...

E entretanto já eram horas de jantar. Aquele fim de tarde com a Madalena tinha voado, a aprenderem coisas novas sobre bactérias e antibióticos. Com a Madalena... e com o Gatafunho, que se espreguiçava agora longamente, mas tão longamente que também ele parecia estar a transformar-se num gato mutante!

Mas não! Depressa voltou à forma inicial, sacudiu a cabeça, lambeu a pata, que passou pelos olhos, para despertar, e lá foi de guizo a tilintar até ao prato do patê, na cozinha.



A mãe da Madalena chegara entretanto para dizer que os pais do Duarte já estavam à sua espera. Mas como tinha apanhado ainda o final da conversa dos dois amigos, achou por bem acrescentar – Reparem que a história que acabaram de ler não começa por “era uma vez”. Porque não era uma vez! Acontece todos os dias. A história das bactérias más e dos antibióticos bons não acaba aqui e temos de ser nós a dar-lhe um final feliz! Usando apenas os antibióticos que nos receitam e tomando-os tal qual nos receitam e só quando nos receitam.

E os miúdos disseram em coro – É isso mesmo! – Adeus Madalena, fico à tua espera na escola! – Adeus Duarte, já estou desejava!